

RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA

Lembro-me, como se não houvesse passado tanto tempo, dos felizes dias de minha infância, vividos entre minha casa, de um lado da rua, e a residência com a serraria e marcenaria de meus avós, do outro lado. Diariamente, ao voltar da escola, após almoçar e fazer as tarefas de casa, meu divertimento maior era percorrer o amplo quintal da casa de meus pais, onde havia grande parreira de saborosas uvas, uma ameixeira em que me aboletava a fim de colher os frutos maduros, um velho pé de mangas burbom, tão alto que para colhê-las precisava de longa vara de bambu com uma lata acoplada à ponta e, sobretudo e principalmente, duas jabuticabeiras que carregavam tanto de doces e apetitosos frutos, que nem os pássaros e muito menos as abelhas conseguiam saboreá-los todos. Dava-me, então, ao luxo de escolher as jabuticabas maiores e chupá-las ali mesmo, simplesmente limpando-as na própria camisa, o que quase sempre valia-me severa reprovação de minha mãe, que era quem lavava as roupas da família.

Outro mundo abria-se para mim quando atravessava a rua poeirenta para visitar meus avós. Lá, no quintal enorme, ligado à serraria e marcenaria, também havia esplêndidas jabuticabeiras, uma delas de frutos enormes e casca grossa, porém doces como mel, que não vi mais em lugar algum. Hoje fico pensando que talvez pudessem ter outro nome, visto que até mesmo a conformação dos galhos era diferente. Contudo, o de que mais gostava era de me equilibrar nas toras de madeira, amontoadas em local apropriado, à espera de serem serradas e transformadas em móveis. Minha fértil imaginação evocava, então, algum dos heróis das histórias em quadrinhos que avidamente lia, enquanto saltava de um ponto a outro ou me escondia em algum desvão escuro.

Era também entre guarda-roupas e outras peças prontas para serem envernizadas que, muitas vezes, eu caminhava imaginando-me aventureiro em labirinto cheio de perigosas armadilhas e do qual somente existia uma única

saída. Foi nesse tempo que fiz amizade com o lustrador que passava o dia todo dando acabamento a verniz nas peças, que então iam para o salão de vendas. Fiquei intrigado quando vi o Roveroni – era esse seu nome – embrulhar cuidadosamente um livro encadernado. “Já li e agora vou devolvê-lo à biblioteca e escolher outro, antes de voltar para casa”, explicou-me. Pedi-lhe, então, para ver o título. Era “As Minas do Rei Salomão”, apreciado livro de aventuras de H.R.Haggard. “*Eu já estou no terceiro ano. Será que posso também ler os livros da biblioteca?*”, perguntei-lhe. Fomos juntos até lá, após ter avisado meu pai e desde então não parei mais, passando, aos poucos e ao correr do tempo, dos populares aos clássicos e da prosa à poesia. Imaginem meus leitores se hoje consigo passar defronte de uma livraria sem entrar?

Com aquele meu amigo aprendi também a não maltratar os livros. As brochuras que leio não ficam com a lombada torta, pois não forço a abertura das páginas. E se tenho que sublinhar um período de especial interesse, para depois achá-lo mais facilmente, faço-o com pequena régua.

Há uma coisa, entretanto, que aprendi sozinho. Os livros têm cheiro, um perfume sutil que varia – mas poucos leitores percebem – conforme a obra. Sempre cheiro os livros que leio, porém apenas quando sozinho, não vá alguém pensar que estou mal da cuca. É que tive, certo dia, bastante trabalho a fim de me justificar perante a esposa, no momento em que me surpreendeu, de olhos fechados, levando às narinas o volume de “As Cidadezinhas”, de John Updike, a fim de sentir seu agradável perfume. “Que é isso, benzinho, tá ficando maluco?”

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com